

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

HISTÓRIAS KAINGANG

Lembrança do passado

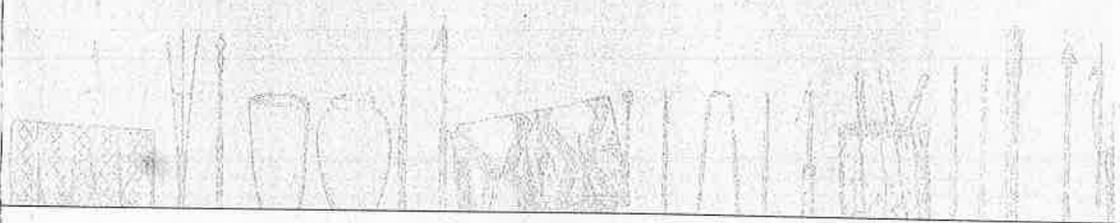
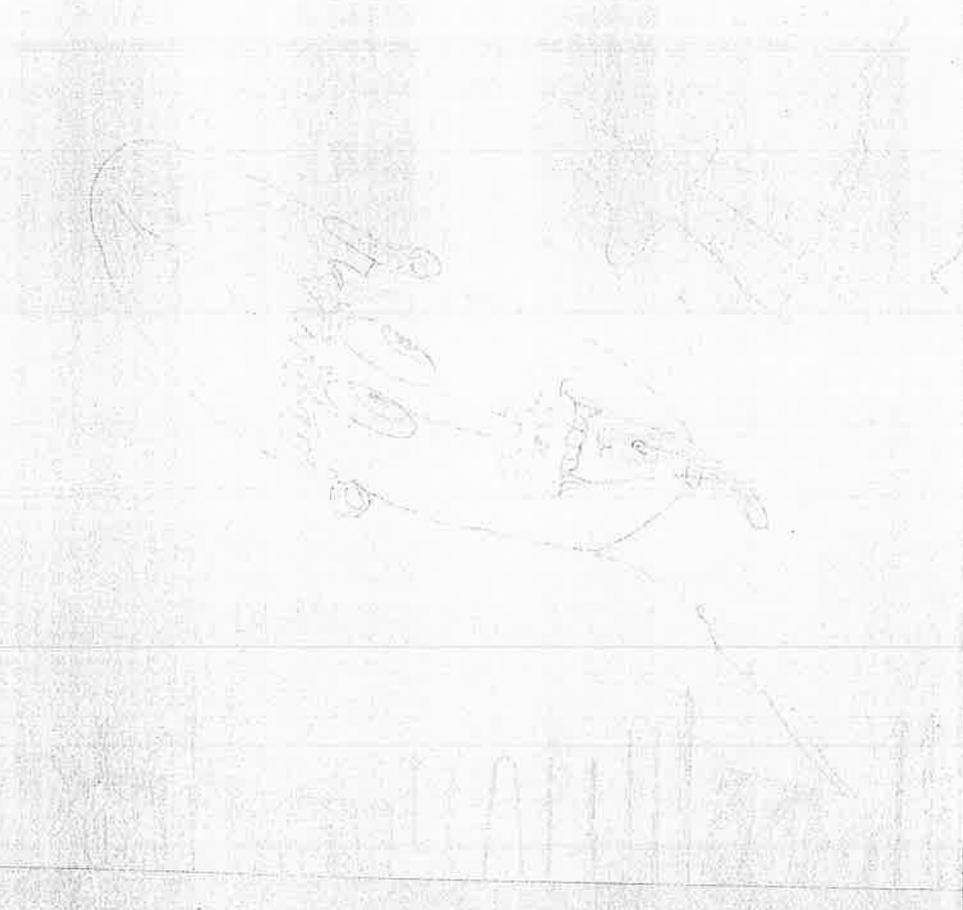
CURITIBA 2002 • SEED/SGE/CEIND



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ
SUPERINTENDÊNCIA DE GESTÃO DE ENSINO
COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

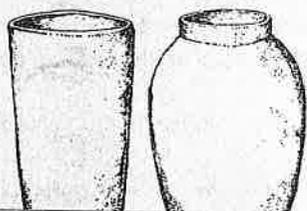
PEDRO KAGRÉ KÁG CÂNDIDO DE ALMEIDA
ROSÂNGELA MARIA SANTANA
MANOEL NORÉ MAG FELISBINO
JANDIRA GRISANH FELISBINO
ALUNOS DA ESCOLA T.I. APUGARANINHA
Coordenadora dos Trabalhos: MAGALI CECILI SURJUS PEREIRA
Supervisão Antropológica: CECÍLIA MARIA VIEIRA HELM

4



*Sem água a gente não pode viver
No rio o índio se banha
No rio o índio apanha água para beber
No rio o índio pesca muito peixe é bom de comer.
Antigamente, muitos índios moravam na beira do mar.
Agora quase todos moram na beira dos rios, dos córregos, dos igarapés.
Os povos indígenas gostam muito quando nascem as crianças para com
elas rir, amar e ter paciência.*

CLEONICE DE JESUS PEREIRA
Aluna do T.I. Apucarantina



Equipe de trabalho

Pedro Kagré Kág Cândido de Almeida
Rosângela Maria Santana
Manoel Norég Mág Felisbino
Jandira Grisân Felisbino
Alunos da Escola T.I. Apucarantina
Coordenadora dos Trabalhos – Magali Cecili Surjus Pereira
Supervisão antropológica – Cecília Maria Vieira Helm

Equipe desta edição

Coordenadora da Ceind/Seed – Luli Miranda (lulim@pr.gov.br)
Projeto gráfico – Alexandre Maravalhas/Comunicação/Seed
Revisão de texto – Zélia Sereno
Seleção e digitalização de imagens – Rubens Flecha
Digitação – Veridiana Gobardo/Ceind
Impressão e acabamento – Gráfica Capital



sumário

Apresentação	6
SPI	9
As serrarias dentro da T.I.	11
Escola Dr. Xavier da Silva	14
Escola Roseno	17
A saúde indígena de antigamente	19
Posto de Saúde	21
O Apucarantina hoje	23
O alcoolismo	27
Kiki	29

Apresentação

O professor índio Pedro K. K. de Almeida e a professora não-índia Rosângela Maria Santana pesquisaram as histórias antigas do povo indígena Kaingang na Terra Indígena Apucarantina para depois passar para os Kaingang de hoje, porque eles não têm conhecimentos do passado. Isto é muito importante para eles. Neste livro há participação dos alunos e outros professores indígenas também, principalmente nos desenhos.

Esta proposta foi elaborada pelas pessoas de mais idade da Terra do Apucarantina, com a participação do Pedro e da Rosângela.

Começamos eu, Rosângela, professora não-indígena e Pedro, professor indígena, a recolher histórias contadas pelos índios de mais idade da Terra do Apucarantina.

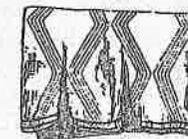
O registro destas histórias ajuda a não esquecer o passado, e como viver o presente.

Eu passei a sentir e viver junto com eles o passado, e com isso passei a entender e compreender muitas coisas que eu mesma tinha dúvidas do viver entre eles e os não-indígenas, a pessoa propriamente dita por eles, que somos nós, os portugueses que aqui chegamos.

Após algum tempo de trabalho, Jandira Grisãnh Felisbina, professora indígena, envolvida na elaboração desse texto, revela: “fazendo isso, a gente relembrou um passado esquecido”.

Nessas palavras o sentido maior desse pequeno livro. São histórias contadas por Kaingang, que num esforço resgataram boas e tristes lembranças. Reviver o passado nem sempre é uma tarefa agradável, envolve sofrimentos. Mas é no mais das vezes desse esforço que pode florescer a vontade de mudar uma realidade. Essa parece ter sido a história de professores indígenas Kaingang, que num esforço de compreensão de sua própria realidade vão fazendo e refazendo a história de nossa gente Kaingang.

SPI



Manoel Norég Mág Felisbino

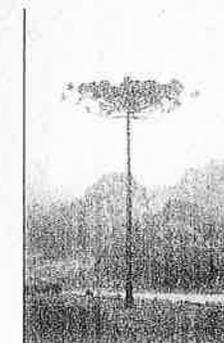
Pressionado interna e externamente, o governo federal, através do Decreto 8.072, de 20/06/1910, criou o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), vinculado ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

É nomeado como Diretor o então Coronel Cândido Mariano Rondon, militar de formação positivista.

As propostas do SPI não tinham nenhuma semelhança com as defendidas em 1890 pelo positivista na Assembléia Constituinte. Não mais se tentava constituir as nações indígenas em nações independentes. Ao contrário, a tentativa voltava-se para integrar o índio à Comunhão Nacional.

Na Segunda República, temos a transferência do SPI para o Ministério da Guerra e o início do distanciamento do órgão em relação ao que tinha sido proposto por Rondon.

A Constituição Brasileira de 16/07/1934, que pela primeira vez assume a questão da terra indígena, resguardou o direito às posses de terras indígenas e à proibição de transferências. Mas suprimiu a preocupação com a política de incorporação dos índios à Comunhão Nacional. A Constituição de 1946 abriu espaço para a discussão em relação ao problema indígena, o que foi interrompido pela Constituição de 1967 a 1969, que inverteu completamente o tratamento das questões das terras indígenas em relação às constituições anteriores.



Em 1964 encerra-se a Segunda República com o golpe militar.

• SPI já vinha enfrentando crise com o Estado Novo, acelerando a partir de 1957, quando apresenta dados referentes ao extermínio de indígenas em Minas.

• golpe de 1964 intensifica a crise dentro do órgão. Acusado de corrupção e massacre, o Ministério do Exterior resolveu investigar as atividades do SPI e confirmou a corrupção administrativa e o massacre de grupos indígenas.

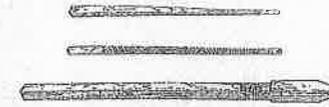
• SPI foi extinto em 1967. Em seu lugar foi criada a Fundação Nacional do Índio, pela Lei 5.371, de 05/12/67.

MARCELA

TEIAS

M

As serrarias dentro da T.I.



Índios: Elói Zacarias
Nazareno Campolin
Pedro K. K. de Almeida

Onde é o cemitério agora foi construída a primeira serraria. Seu proprietário foi o Senhor Moacir Viana, fazendeiro da fábrica de papelão perto daqui. O Senhor Moacir entrou aqui na chefia do Alan Kardeque, e por uma promessa feita pelo fazendeiro, que derrubando os pés de pinheiro ele plantava outro no lugar. Mas só plantou um capão de pinheiro, aqueles que têm no Pinhãozinho até hoje. Construiu 30 casas cobertas de telhas, uma serraria e uma grande venda. E só tinha direito de comprar fiado nesta venda só quem trabalhasse nesta serraria. No final do mês seria descontado do pagamento. Os índios que não trabalhassem tinham o direito de comprar só a dinheiro. Esta reserva era toda coberta de floresta com madeira de lei como pinheiro (fág), peroba (sé), cedro, cajarana e caviúna e muitas outras. O Senhor Moacir e o Alan destruíram a maioria destas madeiras. As toras que aqui foram serradas destas madeiras, eles separavam as tábuas boas e saíam muitos e muitos caminhões, e os índios não sabiam para onde ia, e nem podia perguntar. Se perguntasse o chefe levava os índios presos no tronco das árvores, e soltava eles para trabalhar e à noite levava para o tronco novamente.

Esta serraria aconteceu até quando eles viam bastante madeira em pé. Quando a mata estava no final o seu Moacir resolveu ir embora, deixando as 30 casas para os índios. O chefe Alan queria levar uns índios para morar nestas casas, mas os índios não queriam ir para estas casas. O chefe (fóg) pegou estas famílias levando estas para aldeias de Queimada, Mococa e Faxinal. Nunca estas famílias tinham separado uma da outra, foi triste para quem foi, e muito mais para quem ficou.

O Alan vendeu as casas para as pessoas de fora e ficou com o dinheiro.

Neste tempo o SPI era em Curitiba, para onde eram levados estes projetos. O delegado era o Senhor Edival de Souza. Agora aposentado, ele mora na reserva de Ortigueira. O pai de Edival morreu ajudando os índios, e ele quer fazer o mesmo.

A segunda serraria da reserva foi construída na parte debaixo da estrada, no lado do campo de futebol.

O Capitão Nivaldo era o homem que cuidava desta serraria. Não foi por muito tempo que esta serraria trabalhou, mesmo assim saíram vários caminhões de madeiras serradas e toras também. As toras que eram serradas aqui, as tábuas boas eram para ficar aqui e acabavam saindo nos caminhões, e as pontas ficavam aqui para os índios. O duro que este Capitão Nivaldo fazia os índios de seus escravos.

A mãe do Nazareno, a dona Rita, precisava ir para Tamarana fazer compras. Chamou a Jovina, que neste tempo ainda não era casada, e foram. Quando voltaram as duas receberam um castigo que a noite ficavam presas no tronco da árvore, pois aqui não existia cadeia. De dia as duas trabalhavam fazendo aceiro em um colônio para pôr fogo e a noite iam para o tronco. O Nazareno era um rapazinho, foi ajudar a mãe no aceiro, não pôde, pois o capitão não deixou.

Além de todo este sofrimento ele arrendava as terras, os bancos de fora, e quem queria comprar as terras ele vendia e ficava com o dinheiro.

Aqui na sede era um plantio de 10 alqueires de bananas. Os pés de bananas eram cuidados pelos índios. Pois eles não podiam pegar nem uma banana e muito menos levar um cacho para casa.

Neste tempo ele colocava o Norbertinho como guarda, mas quando encostavam os caminhões os índios tinham que ajudar carregar os caminhões para levar as bananas para vender na cidade.

O pior, os índios plantavam arroz e as mulheres índias a banana, para ser vendido na cidade também, e o Capitão Nivaldo ficava com o dinheiro todo, de tudo que aqui era vendido.

Tinha uma carvoaria aqui neste tempo, e o carvoeiro era o Senhor Moacir Campolin. Era ele que fazia os buracos de um metro de fundura e colocava os nós de pinho para queimar e tampava. No outro dia pegava os carvões e colocava no caminhão para ser vendido. Mas até hoje ele não viu dinheiro nenhum.

Nós queríamos saber onde está a fábrica de carroça e a Olaria que tinha aqui. E quem cuidava das duas fábricas era o Senhor Francelino Dora.

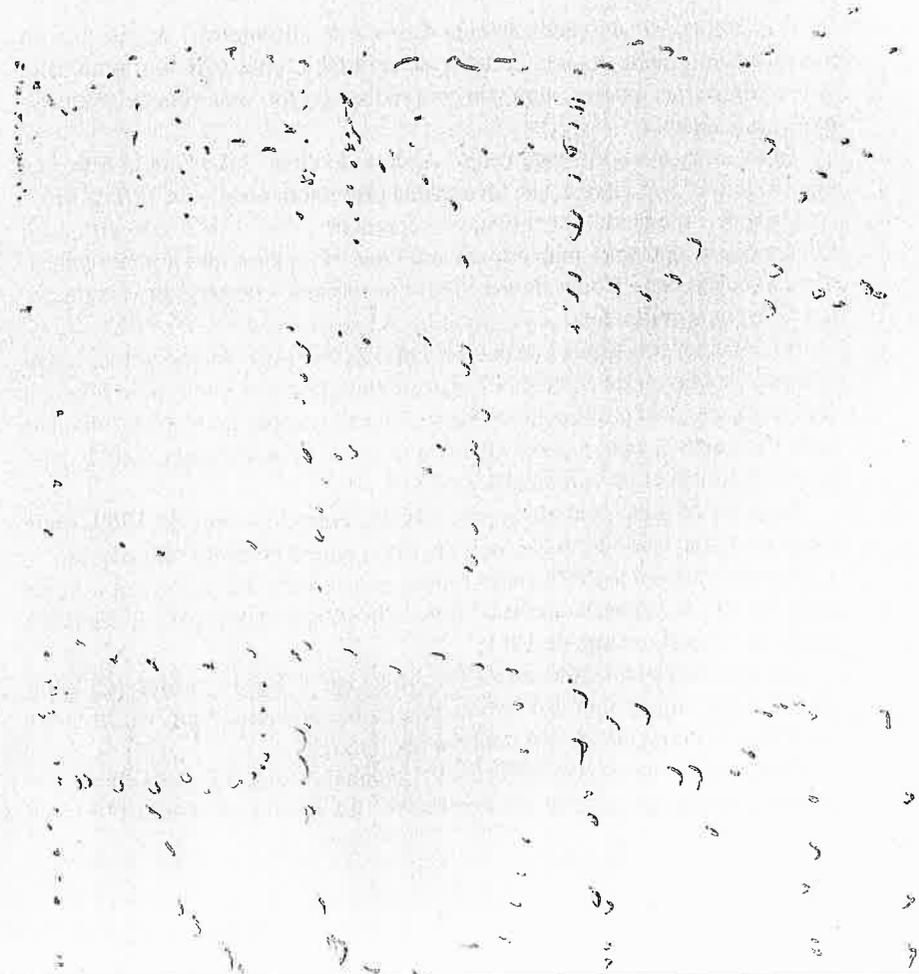
Além de tudo isso que os índios passaram, não podiam criar cavalos, porcos, galinhas. Este Capitão Nivaldo colocou um homem chamado Gaúcho Preto, este mora no Incrão até hoje, que com uma espingarda matava tudo, e

deixava no quintal de todas as pessoas os animais mortos.

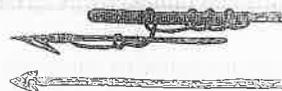
Este tempo o Álvaro Vilasboas era o delegado da Funai em Bauru, Estado de São Paulo, e os índios não tinham o direito de fazer suas reclamações para ninguém.

Este Capitão Nivaldo ameaçava os pobres dos índios mais velhos, dizendo que ia levá-los para o Rio das Cobras, onde os índios ficavam pensando que tinha um rio cheio de cobras, e que podia acabar com todos eles.

Projeto: As várias formas de inserção
dos índios na sociedade nacional.
Os Kaingang do Estado do Paraná.
Resumido por Rosângela Maria Santana



Escola Dr. Xavier da Silva



Índios: Manoel Norég Mág Felisbino
Aparecido Marcolino

Esta escola foi construída ao lado dos pés de abacateiros. A casa era de madeira bem grande coberta de telha de cerâmica, uma varanda, uma sala, uma cozinha, três quartos, uma sala com rádio amador, uma sala de recepção e uma sala de aula.

Todas estas coisas ficavam dentro da casa do chefe João Garcia e da sua esposa Amélia Traz Garcia, que foi a minha professora no ano de 1965 a 1967.

Onde eu, Aparecido Marcolino, vim aprender o meu 1º e 2º ano primário. Ela era brava, mas para mim era um sinal que ela queria que a gente aprendesse as coisas boas. Como alunos, todos nós sabíamos respeitá-la, e realmente gostávamos muito dela.

✧ Em 1968 foi construída a segunda escola, que levou o mesmo nome: Escola Rural Dr. Xavier da Silva. Foi construída um pouco a cima onde hoje é a casa do Israel. A 2ª professora foi Julieta Moraes, esposa do Capitão Nivaldo Lacerda Moraes, e com a gente ela ficou um ano, onde terminei meu 3º ano. Amélia e Julieta eram contratadas pelo SPI.

Ivone de Moraes, contratada pelo Estado, entrou no ano de 1969, onde entrei no 4º ano e não terminei, pois ela ficou com a gente só oito meses.

No ano de 1970 a 1980, Dário Moura entrou para dar aula para a gente onde em 1970 terminei a minha 4ª série. Ele só saiu daqui para ir chefiar a aldeia de Faxinal, no ano de 1981.

Em 1981 entrou Gilda Kuita e a Cezarina Gate Cândido, professora bilíngüe. As duas saíram logo. No mesmo ano entrou Joaquim Karó da Silva e o Artur Fog-Tej do Amaral, que também não ficaram.

Quando o Artur saiu, em 1982, ficou o Manuel Norég Mág Felisbino como professor bilíngüe, mas não era contratado. Eu me formei como professor

bilíngüe no ano de 1980, na Escola Clara Camarão, ligada a uma Igreja Luterana e à Funai, através da Dra. Ursula Wessmann, que traduziu o nosso testamento em Kaingang.

Formaram monitores vindo de todas as áreas indígenas do Sul do país, incluindo na época o Estado de São Paulo.

Em 1982 comecei a dar aula com uma estagiária da Prefeitura chamada Mônica. Ela ficou comigo uns três meses. Quando ela foi embora a comunidade fez um documento pedindo a minha contratação e mandaram para o delegado Álvaro Vilasboas, e fui contratado pela Funai, na data de 02/06/82.

Não foi fácil dar aula aqui como professor bilíngüe, pois muitos índios não queriam a gente aqui como professor dando aula na linguagem materna.

Mas estamos superando, e a única escola que continua a dar aula na língua materna foi esta daqui, até hoje.

Em agosto de 1982, Helena Lopes (Funai) começou a trabalhar comigo na Escola Rural Dr. Xavier da Silva e ficou aqui até em março de 1987.

Somente em 30/11/82, através da resolução nº 3.221/82, da Seed, que a escola denominada Escola Rural Cacique Luís Pénky Pereira recebeu autorização de funcionamento. Esse nome foi escolhido em homenagem ao Cacique que comandou a área por 37 anos.

Nilza Fernandes Batista da Silva trabalhou aqui de abril do ano de 1984 a fevereiro de 1985.

Célia Maria Simões, Funai, ano de 1985.

Maria Rita Santana, Prefeitura, ano de 1985.

Nelson Donizete dos Santos, Prefeitura, ano de 1987 a 1988.

Edilene Ferreira da Silva, Prefeitura, ano de 1987 a 1988.

Mariza Cardoso dos Santos, Funai, ano de 1990.

Iracema Ferreira da Silva, Prefeitura, ano de 1989.

Maria Guisso Velho, Funai, ano de 1988 a 1991.

Clari Fortinati, Funai, ano de 1991 a 1996.

Mariza A. M. Barbosa, Prefeitura, ano de 1992.

Joselene Pereira, Funai, ano de 1993.

No final do ano de 1991, Manoel deixa a escola daqui da sede e vai para o Barreiro, onde ficou o ano de 1992. Voltou a trabalhar aqui mais cinco anos

como professor bilíngüe, deixando de ser professor quando a Clari foi embora. No final de outubro passou a assumir a Secretaria, onde está coordenando a escola e os professores, que são:

Isaías Felisbino, Fase I manhã, Prefeitura, ano de 03/94.

Jandira Felisbino, Pré I tarde, Prefeitura, ano de 03/99.

Pedro de Almeida, 3ª e 4ª série manhã, Prefeitura, ano de 03/99.

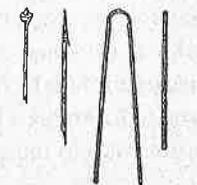
João dos Santos, Transição tarde, Conselho, ano de 08/96.

Maria A. de Souza, Pré II tarde, Conselho, ano de 08/96.

Rosângela Maria Santana, 3º e 4º série manhã, Prefeitura, ano de 1993.

Além destas séries acima, contamos com 5ª e 8ª e o 2º grau, com professores do Apeart, de Londrina. Nossa escola, no dia 16/02/2000, passou a ser chamada Escola Municipal Cacique Luís Pénky Pereira, por pertencer à Prefeitura Municipal de Londrina.

Escola Roseno



Índio: João Cardoso
Manoel Norég Mág Felisbino
Rosênis A. Tomarozzi Carvalho

O Senhor Roseno Vókrig Cardoso foi o primeiro habitante da Aldeia Barreiro, a 15 km distante da sede do Posto Indígena Apucaraniha.

Em 1973 eles foram morar no Barreiro, onde não existia escola, onde as crianças indígenas que lá moravam iam estudar na escola dos brancos na Fazenda Água Branca, que ficava bem mais perto do que eles virem estudar na escola da sede.

Roseno morou no Barreiro muitos anos, com sua esposa e seu filho João Cardoso, tocando lavoura.

Quando seu filho se casou com uma branca chamada Cida e foi morar com seu sogro na fábrica de papelão, Seu Roseno continuou com sua esposa lá no Barreiro, onde veio ter o primeiro derrame. E sendo o seu filho único, levou ele para morar na fábrica junto com eles, onde ele veio a ter mais um derrame, até falecer depois de uns quatro anos, deixando neste mesmo lugar a sua esposa, filho, nora e um casal de netos.

A partir de 5 de fevereiro de 1992, foi autorizado o funcionamento da primeira escola que levou seu nome, pois foi em sua homenagem, por ele ser o primeiro morador deste local.

Pela resolução da Seed de número 403/92, através do convênio Fundepar e Prefeitura Municipal, a Escola Rural Roseno Vókrig Cardoso passou a funcionar.

Devido à dificuldade de locomoção dessas crianças, foi solicitada e instalada a referida escola em uma casa pré-fabricada onde agora é a casa da professora Rosênis. Os primeiros professores que trabalharam foram o Manuel e

a Jandira, no ano de 1992; Margarida e Lindamar, no ano de 1993; Maria Aparecida e Rosênis, de 1994 a 1997; e Rosênis e Margarida, de 1998 a 2000.

Situação da Escola Roseno hoje

Em 7 de julho de 1996 passou a funcionar a nova escola, que levou o mesmo nome, Escola Rural Roseno Vókrig Cardoso.

A infra-estrutura dessa escola é de alvenaria, e tem uma secretaria, duas salas de aula, cozinha, depósito de merenda, dois banheiros.

Nessa escola ensina-se pré, fase I, fase II, transição e 3ª e 4ª séries.

Conta com uma professora, índia Margarida, e uma professora não-índigena, Rosênis, que dão aula para crianças indígenas e crianças não-indígenas da proximidade do Barreiro.

A aldeia Barreiro conta com 12 famílias que vivem da agricultura, onde o vice-cacique tem a ajuda do Cacique e das lideranças daqui da Sede. As famílias do Barreiro têm remédios e o mesmo direito de médicos e dentistas aqui do Posto de Saúde Sede.

Em 16 de fevereiro de 2000 a Escola Barreiro passou a ser chamada Escola Rural Indígena Roseno Vókrig Cardoso, por pertencer à Prefeitura Municipal de Londrina.

A saúde indígena de antigamente



Índio: Sebastião Silvino

Os índios de antigamente se curavam com ervas cultivadas nas matas nativas dentro de suas próprias reservas indígenas. Estes são os nomes de alguns remédios que eles se curavam quando tinham as suas matas em pé, e não existia o posto de saúde.

Como anticoncepcional eles usavam as ervas de capim-de-folha-larga e a erva rabo de cachorro. As índias mastigavam a parte mole próxima à raiz. Para as pessoas desanimadas ou tristes eles dizem que o espírito dessa pessoa está no mundo dos mortos. Eles pegavam a erva kávéjo e socavam no pilão as folhas com água e davam banho com esta água e curavam. Nas picadas de cobras usavam as seguintes ervas: de lagarto e guaçatunga-preta. Modo de fazer: pôr um litro de água fervida durante 30 minutos, coar e tomar uma xícara de café, duas vezes ou até três vezes ao dia, durante quatro dias, e banhar o local da picada três vezes ao dia durante quatro dias.

Para picada de aranha e cobra: modo de fazer: juntar duas mãos de erva de lagarto e duas mãos de erva de parasita, socar no pilão ou esmagar e colocar durante uma semana todos os dias o remédio no local da picada.

O pau-tenente: raspa este pau e coloca em uma vasilha com água, deixa ficar bem amargo e dá para crianças e adultos beberem.

Erva-dos-paus para tosse comprida. Modo de fazer: juntar duas mãos em um litro de água, ferver durante 5 minutos, coar, usar frio.

Gripe e tosse: juntar o suco de meio limão em uma xícara de chá de água quente, adoçar com mel ou açúcar e usar quente, uma xícara antes de dormir. Observação: gestante não pode tomar por ser muito ácido.

Para matar piolho: juntar o suco de um limão a um copo d'água. Usar frio, molhar a cabeça duas vezes por dia durante cinco dias.

Mina milagrosa é uma coisa misteriosa. Quando a mina existia, diz o Senhor Sebastião que a Pej Maria Jógvärny curava muitas pessoas e crianças indígenas que iam lá procurar a sua cura.

Ela fazia as suas curas dando banho com água desta mina antes do sol nascer.

Ela curava de febre amarela, tosse comprida, sarampo, catapora e de muitas outras doenças.

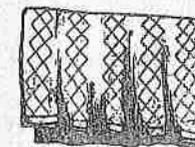
A Pej Maria Jógvärny gostava muito de crianças e no sábado de aleluia fazia um almoço e dava bala para todas as crianças.

E a tardinha ela fazia um baile para as crianças, ela gostava de dançar.

E até hoje quando você chega perto desta mina, se for poucas pessoas e que não converse perto dela, ela fica calma. Mas se chega bastante pessoas e começam a fazer barulho e muita conversa, a água começa a borbulhar como se a água estivesse fervendo e nesta fervura sai uma areia branca e bem fina.

A gente vê que é uma coisa linda e nela existe algum milagre mesmo.

Posto de Saúde



Índio: Nazareno Marcolino
Moacir Campolin

Em 1996 foi construída a primeira enfermaria de madeira ao lado da casa do chefe fóg João Garcia. Como não tinha enfermeiras, o SPI colocou um ônibus que vinha de Londrina com médicos e dentistas uma vez por semana. Estes atendiam dentro do próprio ônibus.

A enfermaria de madeira, em 1967 começou a ser utilizada por pessoas que não tinham noções de medicar. Pois este foi o Gaúcho Preto que trabalhou aqui dois anos, junto com a Julieta Moraes, que aqui ficou quatro anos medicando.

Favénh, que veio de Santa Catarina, ficou dois anos. Esta tinha o curso de enfermagem.

Em 1975 foi construída a enfermaria de alvenaria, que está em pé até hoje. Neste tempo o Nazareno foi fazer o curso de monitor de saúde em Londrina.

Os seguintes enfermeiros que aqui trabalharam foram:

- Nagil, três anos, Funai.
- Nazareno e Maria das Graças, juntos dois anos Funai.
- Avelino, três anos, Funai.
- Zelinho, três anos, Funai.
- Nazareno, sete anos, Funai.
- João Cotrim, três anos, Funai.
- Nazareno Marcolino, oito anos, Funai.

Nazareno saiu do posto de saúde, pois entrou no lugar do chefe branco (fóg) nesta aldeia. Em 1993 entrou Edgar Pypcar como enfermeiro e está aqui há oito anos. Neste tempo o posto foi reformado e nele contamos com várias enfermeiras e auxiliar de enfermagem que vêm para trabalhar aqui neste pos-

to de saúde.

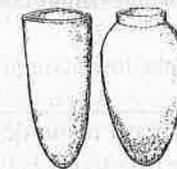
Contamos com o Dr. Ahmed, Dra. Marilda Kohatsu, Prefeitura, duas vezes por semana. Quando estes não podem vir, vêm outros médicos no lugar. A dentista Cíntia, Prefeitura, que também vem aos sábados para o tratamento dos dentes.

Quem mantém toda a medicação do Posto de Saúde daqui é a Prefeitura de Londrina. A Fundação da Saúde manda alguns medicamentos que não se encontraram na sede.

A Fundação mantém carros e motorista da saúde, quando precisa levar as pessoas para os hospitais de Londrina.

Temos Sandra Marcolino, Reginaldo Campolin, que estão fazendo o curso pela Prefeitura de Londrina de auxiliar de enfermagem, e que em breve serão os monitores de saúde da Reserva Indígena Apucararinha.

O Apucararinha hoje



Índio: Nazareno Marcolino

A área indígena Apucararinha está situada na proximidade do Distrito de Lerroville e do município de Tamarana.

Londrina, que é o principal centro urbano da região, é distante 75 km da Reserva Indígena.

Londrina está situada na região Norte, com 463.800 habitantes, e tem 1.1715.897 km². O clima nesta região é sub-tropical, com o verão quente e geadas pouco freqüentes. A altitude média é de 576 m.

O acesso é feito por Lerroville e também por Tamarana em estradas secundárias.

Os limites das Áreas Indígenas são pelos rios:

- Rio Apucararinha Gõj Vãnh, ao Norte
- Rio Apucarana Grande Gõj Kupre, ao Sul
- Rio Tibagi Venh Róg, ao Leste
- Estradas secundárias represadas ao Oeste

Os índios do Apucararinha recebem o apoio da Prefeitura de Londrina para a educação, saúde e cesta básica. Em Londrina, os Kaingang contam com o Centro Cultural Indígena para a venda de artesanato e as casas para as famílias indígenas pernoitarem.

Esta é a única Reserva Indígena que sempre em sala de aula cultiva a língua materna. Junto com os pesquisadores da Universidade Estadual de Londrina, pelo grupo MIG, coordenado pelo Dr. Ludovico e Magali Pereira, que desenvolvem um programa de educação, junto com os técnicos da Funai, Darlene, e professores indígenas e não-indígenas.

Os Kaingang são os habitantes tradicionais da Área do Apucararinha, a área banhada por rios. Estes rios deságuam no Tibagi, as terras são férteis, os

rios com muitos peixes, e a mata, pelo menos uma parte está preservada.

Junto aos rios Apucarantina e Tibagi, as matas ciliares são patrimônio ecológico que os indígenas respeitam. Da mata retiram frutos, plantas para a venda em Londrina e algumas plantas medicinais que restaram por lá, e até pouco tempo atrás caçavam pequenos animais e aves. Nos dias de hoje, deixaram de praticar a caça para preservar algumas espécies que estavam se tornando raras.

Na entrada principal da Terra Indígena está localizado o Salto Apucarantina, uma queda d'água com 116 metros de altura, atração turística da região.

A Usina Apucarantina, explorada pela Copel desde 1979, tem uma estrada isolada através de um portão fechado a cadeado.

As casas que eram de seus funcionários na vila da Copel foram doadas para os índios, e são estas em que muitos indígenas e funcionários da Prefeitura e Funai estão morando.

Também há índios de São Jerônimo, Manoel Ribas, Ivaí, Queimadas, Mocóca, Ortigueira, Rio das Cobras e Barão etc., que solicitaram transferência para a Terra Apucarantina porque esta área é a maior e possui enfermaria bem equipada. Os indígenas se deslocam com facilidade para Londrina, para recorrer aos hospitais ou se dirigirem à sede da Funai e para a Ação Social da Prefeitura de Londrina.

Esta Área Indígena pertence à regional da Funai de Londrina. O atual chefe do Posto é o índio Kaingang Nazareno Marcolino; Izequiel e Aparecido, contratados como tratoristas, junto com Ferdinando Nesso Neto, técnico agrícola da Funai.

Residem nesta área as professoras não-indígenas do primeiro grau, Rosângela e Rosênis. O Pedro e o Manoel são professores bilíngües e colaboram em atividades desenvolvidas pelo grupo MIG.

A Prefeitura de Londrina, junto com a Ação Social, realizam o pagamento de quatro professores bilíngües.

Os recursos são recebidos pela Prefeitura para os atendimentos médicos e odontológicos, deslocando profissionais da área de saúde periodicamente à Área Indígena de Apucarantina. Há três professores que recebem pelo Conselho.



3398 2037
3398 2983

Algumas construções são de alvenaria, como o escritório, onde o chefe do Posto Indígena trata dos assuntos administrativos. Há um telefone público instalado na sede, enfermaria de alvenaria, que está bem equipada, e duas igrejas evangélicas de alvenaria, um Cristianismo Decidido e a Assembléia. Outra de madeira, que é a Católica, salão de baile, cadeia, dois campos de futebol, galpão para máquinas agrícolas e um cemitério com uma grande cruz.

As casas dos índios são de vários tipos: de madeira, placas de concreto e ranchos de sapé.

A Aldeia Barreiro está situada a 15 km da sede e é constituída por doze famílias.

O Cacique é o índio Kaingang Juscelino Vergílio, que exerce o controle político da área, junto com suas lideranças. Na Aldeia Barreiro, o Kaingang Paulo atua como vice e está subordinado ao Cacique da sede.

Foi registrado que no Estado do Paraná há um Conselho Indígena formado pelos Caciques de diversas Áreas do Norte do Paraná.

E um dos Presidentes é desta Área Indígena Apucarantina, que é o Kaingang Lourival de Oliveira.

O alcoolismo



Izaque Káso Bonifácio

Antigamente os índios faziam a sua bebida que era o kiki, com coquinho do coqueiro. Os índios socavam este coquinho no pilão onde tiravam o miolo do coquinho e colocavam no coxo feito de pau. E aí ficavam de molho para ser distribuído para as pessoas beberem.

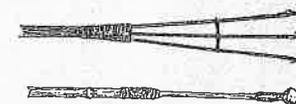
A pinga antigamente era melhor porque não fazia mal para ninguém e não deixava os índios caídos. A pinga de hoje é muito forte, misturada com droga e muitas outras coisas. É por isso que a pinga de hoje mata as pessoas e muitas delas eram levadas para o hospital.

Nos dias de hoje ninguém vive mais só de pinga. Pois a pinga é tomada por pessoas só nos finais de semana e dias de festa e baile, pois isto está sendo muito importante para nossa aldeia.

Texto do aluno: IZAQUE KÁSO BONIFÁCIO, 4ª SÉRIE.

Data: 21 de setembro de 2000

Kiki



Ezequiel Káso Bonifácio

No Brasil, os índios eram eles que faziam sua própria pinga. Depois chamavam todos os parentes para beber suas pingas.

Os índios não sabiam o que era alambique, só ficaram sabendo quando os portugueses trouxeram para o Brasil o primeiro alambique.

A pinga era feita em casa, era melhor do que a de hoje. Pois os índios não colocavam nenhuma mistura. Porque a pinga dos índios era feita de miolo do coquinho, socado no pilão.

A pinga de hoje tem muita mistura, por isso morre muita gente. O nome da nossa pinga antigamente era kiki e era muito gostosa.

Texto do aluno: **EZEQUIEL KÁSO BONIFÁCIO**, 4ª SÉRIE.
Data: 22 de setembro de 2000

